

Filocalia: a relação entre o belo e o amor em Platão

Dálete O'Hana dos Santos Santana²²

Palavras-chave: eros; philia; belo; Platão.

Introdução

Platão, considerado o primeiro a inserir o amor no pensamento filosófico, também é tido como o pioneiro nos discursos a respeito do belo. É legítima a relação entre *eros* (amor) e *kállous* (belo) no pensamento platônico. Essa interdependência é procedente do poder da beleza sobre a alma humana, fazendo com que esta encontre-se em condição amorosa. O que aqui se propõe é explicar de que forma o belo sensível provoca o amor, uma vez que o campo do amor se refere as coisas belas e as relações que se tem com elas. Se todos anseiam o belo é porque há nele algo particular que é impossível de ser ignorado.

Em sendo assim, o trabalho proposto trata-se de uma pesquisa bibliográfica e será realizado por meio um levantamento de dados no qual buscar-se-á discutir e explicar a relação entre amor e beleza. Para tal, foi exposto o conceito de amor, cuja a dupla natureza faz com que ora se comporte como um deus, ora aja como um mediador. A partir disso, concluiu-se que o amor é carência e desejo do belo, e sem a beleza não há amor.

Diante do problema apresentado nesta pesquisa, trabalhar-se-á com a hipótese de que o belo é a única ideia que possui um correspondente no mundo sensível capaz de ser captada pela alma humana mesmo que esta esteja distante da realidade supraceleste. A beleza dos corpos é o que atrai, visto que o belo sensível é aquilo que, no mundo sensível, mais reflete a forma (*eidos*). Essa busca começa nos corpos, que por serem belos, arrasta a alma. Não obstante, a alma percebe que há uma multiplicidade de corpos belos e que, não é necessariamente a beleza física que ela apetece. Por ter natureza imutável, a alma busca a beleza que é perene, a ideia de beleza, a forma do belo, ou melhor, o belo em si. É nessa investigação que a alma reconhece a forma e a deseja (ama).

Referencial Teórico

22 Graduanda em Artes Visuais Licenciatura/UFS e membro do Grupo de Estudos de Estética coordenado pelo Prof. Dr. Vladimir de Oliva Mota.

Para tratar da natureza do amor e sua dependência da beleza utilizou-se como textos bases alguns dos diálogos de Platão, a saber: *A Republica*, o *Banquete* e o *Fedro*. A partir da obra *A Republica* serão expostas as noções fundamentais da teoria do conhecimento; do *Banquete* será extraído o conceito de amor como desejo, na fala de Sócrates, mediante a análise dos discursos anteriores ao dele. Em seguida, será unido a esta definição a ideia de amor como *mania*, apresentada no *Fedro*, a partir de uma elucidação sobre os vários tipos de delírio. Diante das definições sobre eros, notou-se que há um elemento necessário, sem o qual o amor não seria concebível: o belo sensível. Tanto no *Fedro* quanto no *Banquete* a beleza é imprescindível, mas é com base no primeiro que é dada uma explicação sobre o poder de atração do belo e seus efeitos na alma humana.

A fim de apresentar uma clara elucidação do tema foi necessário recorrer ao auxílio de alguns especialistas como Giovanni Reale, que trouxe a ideia da dupla natureza de *eros* como sendo fundamental para conduzir a alma ao inteligível; José Américo Mota Pessanha por fazer uma análise dos discursos do *Banquete* e Rachel Gazolla que explicou a mania amorosa e o lugar no belo sensível no processo de desvelamento.

Desenvolvimento

Platão divide o conhecimento em dois planos: sensível e inteligível. Os elementos do mundo inteligível são ideias únicas, eternas, imutáveis, incapazes de apresentar variações de aparências. Os elementos do mundo sensível, por sua vez, são os objetos perceptíveis - ações, corpos - cuja sua natureza mutável, efêmera e ilusória não garante um conhecimento seguro. Se as coisas sensíveis existem é porque possuem uma essência que deriva de uma ideia. Logo, o sensível se comunica com o inteligível. Contudo essa comunicação só se concretiza quando a alma consegue, dentro do mundo sensível, recordar da forma que só existe no mundo inteligível. O ser humano, que já conheceu as coisas em si mesmas, ao ligar-se ao corpo esqueceu-se de tudo que já contemplara. Ao estar em contato com os elementos do mundo sensível, ele lembra das ideias que um dia conheceu. A reminiscência é essa recordação. Entretanto, para se conhecer algo não é necessário apenas lembrar, mas é preciso que haja um

impulso que conduza o sujeito ao que é verdadeiro. Esse impulso/desejo é o que Platão chama de amor.

O *Banquete*, uma das obras mais consagradas de Platão, cujo enredo é desenvolvido em uma comemoração típica entre os cidadãos da Grécia antiga, traz uma definição de amor como desejo a partir de uma série de discursos proferidos em tal evento. No diálogo, são expostas as falas de Fedro, Pausânias, Erixímaco, Aristófanes, Agatão e Sócrates, que se comprometeram a elogiar o amor. Eles falavam do amor e de suas qualidades, contudo, Sócrates “mudará o sentido e a finalidade do discurso sobre o amor”, abrindo caminho para uma compreensão sobre a sua essência em comprometimento com a verdade. Para tal, Sócrates recorreu ao diálogo que uma vez tivera com a estrangeira e sacerdotisa Diotima de Mantinéia, “que nesse assunto era entendida e em muitos outros, [...] e era ela que me instruía nas questões de amor” (PLATÃO, 2016, 201d, p. 113 – 115).

Ao falar sobre a origem do amor através do mito do nascimento de Eros, Diotima faz com que Sócrates conclua que é impossível que o amor seja um deus, afinal como seria um deus aquilo que é desprovido do que é belo e bom? Eros, filho de Pênia (pobreza) e Poros (Recurso), possui tanto qualidades da mãe quanto do pai. De Pênia, herdou a indigência. De Poros, a astúcia. Não é nem rico, nem pobre. Não é rico porque não possui, e não é pobre porque deseja. Eros é, portanto, a ausência do que se deseja. Em sendo falta, não é um deus, visto que um deus de nada carece. Porém, não pode ser um mortal, uma vez que não é necessariamente o oposto de uma divindade. Eros participa tanto do ser quanto do não ser, mas não é nenhum dos dois. Desse modo, encontra-se em uma posição intermediária. É um mediador entre o meta-sensível e o sensível, capaz de “interpretar e transmitir aos deuses o que vem dos homens, e aos homens o que vem dos deuses”.

No *Fedro*, é exposta uma concepção de amor que vai além de uma necessidade natural da alma, mas é um desejo articulado à um estado da alma no qual o desejo não acontece sem que o sujeito esteja nessa condição: em estado de delírio erótico. A mania amorosa ou delírio amoroso precede o desejo e acompanha o amante e o amado no processo de desvelamento. Sabe-se que para se chegar à contemplação das ideias puras é preciso grande esforço, mas é na mania amorosa que o amante/amado lembra mais facilmente da ideia, gerando um desejo pelo conhecimento das coisas em si mesmas.

O belo sensível é o caminho para as divinas formas. O delírio erótico é condição da alma diante da beleza e o desejo é gerado a partir do que é belo. Sendo o amor, amor do belo,

quem o possuir e não deixar de tê-lo, mas tendo-o sempre, será feliz, uma vez que é no belo que as coisas são engendradas. Ao ser atraído pela beleza, o sujeito encontra-se iniciado, mesmo que naquele momento não tenha consciência disso. A experiência com o belo sensível despertará a alma em direção a algo que não se pode ver, mas que é possível de ser conhecida. “Assim, o amor e o belo pertencem a um campo que se abre, primeiramente no sensível, para os discípulos da filosofia, como se Platão dissesse que para aquele que não se importa com as belas coisas do mundo a natureza filosófica é ausente”. (GAZOLLA, 2009, p. 69).

Conclusão

Trata-se aqui, portanto, do domínio que a beleza tem sobre as almas, ao ponto de não poder ser ignorada. É através dela que as coisas no mundo sensível possuem um sentido, pois em sendo criadora do amor, permite que este impulsione a alma em busca do objeto de seu desejo. Eros, a força metafísica que une o corpóreo ao incorpóreo, “o laço que estreita os homens com os deuses”, tem como núcleo a alma e a como fim o belo ideal. O amante atraído pela beleza sensível, apaixona-se, mas ao perceber que a beleza de um corpo é semelhante a beleza de outro corpo e que, por ser material se deteriorará, busca algo para preencher sua alma. Então, descobre que há uma beleza que resiste as vicissitudes do tempo, passando a contemplar a beleza que reside nas leis e nos bons costumes.

Eis, com efeito, em que consiste o proceder corretamente nos caminhos do amor ou por outro se deixar conduzir: em começar do que aqui é belo e, em vista daquele belo, subir sempre, como que servindo-se de degraus, de um só para dois e de dois para todos os belos corpos, e dos belos corpos para os belos ofícios, e dos ofícios para as belas ciências até que das ciências acabe naquela ciência, que de nada mais é senão daquele próprio belo, e conheça enfim o que em si é belo. (PLATÃO, 2016B, 211b-e, p. 147)

A natureza dupla do amor, que ao mesmo tempo apresenta traços do inteligível e do sensível, é o que permite que a alma se liberte e a aspire a unidade. A causa é o belo sensível. Ao receber as partículas do belo, a alma “volta ao ponto de onde partiu”, o afluxo da beleza faz com que suas asas voltem a nascer, “e as impele a emplumar-se, com o que a alma do amado enche-se de amor”. (PLATÃO, 2016B, 255c-d, p. 105). Quando o amante mergulha profundamente, distancia-se da superfície e aproxima-se do belo ideal. Desde então, o desejo

pela beleza brota como um encantamento, no qual é possível contemplar não só o belo ideal, mas todas as ideias puras.

Referências

CAUQUELIN, Anne. **Teorias da arte**. Tradução de Rejane Janowitz. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Todas as artes).

FRANCO, Irley. **O sopro do amor**: um comentário ao discurso de Fedro no Banquete de Platão. Rio de Janeiro: Palimpsesto, 2006.

GAZOLLA, Rachel. Do olhar, do amor e da beleza: um estudo sobre o estético em Platão no Fedro e no Timeu. In: PERINE, Marcelo (org.). **Estudos platônicos**: sobre o ser e o parecer, o belo e o bem. São Paulo: Loyola, 2009. p. 49 – 74.

GUINSBURG, J. (org.). **A república de Platão**. 2ed. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2018.

KRAUT, Richard (org.). **Platão**. Tradução de Saulo Krieger. São Paulo: Ideias e Letras, 2013.

MANON, Simone. **Platão**. Tradução de Flávia Cristina de Souza Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

PESSANHA, José Américo Motta. Platão: as várias faces do amor: In. NOVAES, Aduino (Org.). **Os sentidos da Paixão**. Ed. Cia. das letras, São Paulo, 1995. PLATÃO.

PLATÃO. **Fedro**. Tradução de José Cavalcante de Souza. São Paulo: Editora 34, 2016A.

PLATÃO. **O banquete**. Tradução de José Cavalcante de Souza. São Paulo: Editora 34, 2016B.

SANTIAGO, Homero. **Amor e desejo**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

SCHUHL, Pierre-Maxime. **Platão e a arte de seu tempo**. Tradução de Adriano Machado Ribeiro. São Paulo: Discurso Editorial: Barcarolla, 2010.

SIMMEL, Georg. **Filosofia do amor**. Tradução de Eduardo Brandão. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SUASSUNA, Ariano. **Iniciação à Estética**. 6ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.